

CORDEL DOS BEBÊS: ENTRE DESCOBERTAS, CULTURA E SOCIEDADE

CORDEL FOR BABIES: BETWEEN DISCOVERIES, CULTURES, AND SOCIETY

EL CORDEL DE LOS BEBÉS: ENTRE DESCUBRIMIENTOS, CULTURAS Y SOCIEDAD

Valéria Araújo Sousa¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6097

Recibido: 09/07/2026 | **Aceptado:** 13/07/2026 | **Publicación en línea:** 11/08/2026.

RESUMO

O objetivo do texto, escrito em forma de cordel, é descrever o percurso destinado à pesquisa com os bebês. Percurso esse que vai de Piaget, com a Psicologia do Desenvolvimento, até os estudos da Sociologia da Infância, apesar desta começar, ainda que de forma tímida, centrar o olhar sobre os bebês. Embora tenha ocorrido um avanço das teorias sociais que embasam os estudos das crianças e da infância, principalmente após a promulgação da CDC (1989) – Convenção sobre os Direitos das Crianças, ainda há uma ausência histórica dos bebês nos estudos da infância nas pesquisas de áreas como história, antropologia, geografia e filosofia e sociologia, que poderiam estabelecer um lugar para os mesmos nas ciências sociais. Assim, em formato de rima, optou-se pela literatura de cordel como forma de prestigiar outras linguagens artísticas. O cordel encontra-se estruturado em setenta e quatro estrofes em formato de sextilha – seis versos. Os versos foram escritos a partir dos conceitos/ideias defendidas pelos principais teóricos quer da Sociologia da Infância quer da Psicologia do Desenvolvimento.

Palavras-chave: Cordel. Bebês. Psicologia do Desenvolvimento. Sociologia da Infância.

ABSTRACT

The purpose of this text, written in the cordel style, is to describe the path taken by research on infants. This trajectory extends from Piaget's developmental psychology to studies in the sociology of childhood, even though the latter has only recently begun—albeit tentatively—to focus on infants. Although there has been progress in the social theories underpinning studies of children and childhood, particularly following the adoption of the CRC (1989)—the Convention on the Rights of the Child—there remains a historical absence of infants in childhood studies within research fields such as history, anthropology, geography, philosophy, and sociology, which could establish a place for them in the social sciences. Thus, in rhyming form, cordel literature was chosen as a way to honor other artistic languages. The cordel is structured into seventy-four stanzas in sextilla format—six lines each. The verses were written based on the concepts and ideas advocated by leading theorists in both the sociology of childhood and developmental psychology.

¹ Mestre em Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: vallpedag@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2124-5707>

Keywords: Cordel. Infants. Developmental Psychology. Sociology of Childhood.

RESUMEN

El objetivo del texto, escrito en forma de cordel, es describir el recorrido que ha seguido la investigación sobre los bebés. Un recorrido que va desde Piaget, con la psicología del desarrollo, hasta los estudios de la sociología de la infancia, aunque esta última está empezando, aunque de forma tímida, a centrar su atención en los bebés. A pesar de que se ha producido un avance en las teorías sociales que sustentan los estudios sobre los niños y la infancia, sobre todo tras la promulgación de la Convención sobre los Derechos del Niño (CDC) (1989) —la Convención sobre los Derechos del Niño—, sigue existiendo una ausencia histórica de los bebés en los estudios sobre la infancia en investigaciones de áreas como la historia, la antropología, la geografía, la filosofía y la sociología, que podrían otorgarles un lugar en las ciencias sociales. Así, en formato de rima, se ha optado por la literatura de cordel como forma de rendir homenaje a otros lenguajes artísticos. El cordel se estructura en setenta y cuatro estrofas en formato de sextilla —seis versos—. Los versos se escribieron a partir de los conceptos e ideas defendidos por los principales teóricos tanto de la sociología de la infancia como de la psicología del desarrollo.

Palabras clave: Cordel. Bebés. Psicología del Desarrollo. Sociología de la Infancia.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A compreensão da infância e dos bebês passou por grandes transformações ao longo da história. A Sociologia da Infância fez “fugir” dois campos ao mesmo tempo: realizou a crítica à psicologia do desenvolvimento/comportamento e à sociologia da educação. Opôs-se e fez frente à predominância, que se verifica até hoje, da psicologia do desenvolvimento e do comportamento nas pesquisas relativas à primeira infância. (Abramowicz, 2019).

Podemos afirmar (Abramowicz, 2019) que a Sociologia da Infância promoveu críticas muito severas à psicologia do desenvolvimento e do comportamento e, ao mesmo tempo, combateu pressupostos que foram tomados durante muito tempo como valendo por si mesmos. Há inúmeros exemplos disso, especialmente nas minuciosas descrições das etapas de desenvolvimento da criança, Piaget (1975), ou na teoria do apego e, também, na aliança, por vezes, entre a Educação e a Psicologia, com postulados universais, com suas etapas universais, de desenvolvimento e/ou comportamento.

É válido considerar que ocorreu um avanço das teorias sociais que embasam os estudos

das crianças e da infância. Todavia, por muito tempo os bebês continuaram ocupando apenas uma condição marginal em tais teorias, mesmo no interior da sociologia da infância, por exemplo. Há uma ausência histórica dos bebês nos estudos da infância nas pesquisas de áreas como história, antropologia, geografia e filosofia e sociologia, que poderiam estabelecer um lugar para os mesmos nas ciências sociais.

Neste sentido, a fim de refletir o lugar a que foi delegado aos bebês, empossado pelas rimas, tem-se o *Cordel dos bebês: entre descobertas, cultura e sociedade*.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está fundamentado nos próprios versos do cordel cuja estrutura baseia-se em três pilares principais: **métrica** - o tamanho dos versos; **rima** e **oração** - o enredo com início, meio e fim. Os textos são tradicionalmente compostos em versos com sete sílabas poéticas (redondilha maior) e organizados em estrofes, sendo a **sextilha** -estrofe de seis versos - a mais comum. Neste trabalho, optou-se pela sextilha e a oração – enredo – foi constituída em um percurso que vai da Psicologia do Desenvolvimento à Sociologia da Infância.

Cordel dos bebês: entre descobertas, cultura e sociedade

No começo desta história
Vamos logo apresentar
Um tema cheio de vida
Que merece nosso olhar
Os bebês e suas forças
Que começam a despertar.

Por muito tempo se pensou
Sem muito refletir
Que o bebê nada sabia
Que só podia existir
Esperando crescer muito
Para então contribuir.

Era visto como ausência
Como um vir a se formar
Um ser incompleto ainda
Sem muito a expressar
Mas hoje novos estudos
Vieram isso mudar.

Pois logo no início da vida
Há muito o que perceber
O bebê sente e responde
Do seu próprio modo de ser
E participa do mundo
Antes mesmo de falar ou ler.

Diz Piaget com clareza
No campo da educação
Que o bebê aprende cedo
Na sua experimentação
Na ação sensório-motora
Começa a construção.

Com reflexos iniciais
Ele passa a explorar
Entre toques e movimentos
Vai tentando se adaptar
E cada nova experiência
Faz o mundo se ampliar.

Olha a luz e segue o brilho
Move a mão, busca alcançar
Leva objetos à boca
Para então investigar
O corpo vira instrumento
Para o mundo desvendar.

Não é gesto sem sentido
Nem ação por acaso só
Cada ato é construção
Mesmo quando ainda é só
Um ensaio de existência
Que se forma pouco a pó.

Se o chocalho desaparece
Parece até que não está
Mas com o tempo ele aprende
Que o mundo continua lá
Mesmo fora do seu campo
De poder enxergar.

A permanência do objeto
Vai então se revelar
E o bebê, pouco a pouco,
Começa a elaborar
Que o mundo não depende

Só de ele observar.

Mas não basta olhar a mente
Nem só o desenvolver
A infância é experiência
De viver e conviver
E os bebês fazem cultura
Desde o início do viver.

A sociologia da infância
Vem então nos ensinar
Que o bebê não é só futuro
Mas alguém a participar
Do presente da sociedade
Que precisa escutar.

Vale aqui bem destacar
O avanço nas teorias
Que estudam as crianças
E também suas vivências
Mas aos bebês foi negado
Lugar nessas garantias.

Mesmo na sociologia
Que a infância vem tratar
Os bebês ficam à margem
Sem muito se considerar
Como sujeitos de estudo
E forma de analisar.

E não podemos negar
Desafios que existem
Nos estudos dos bebês
Que ainda hoje persistem
Faltam bases teóricas
Que melhor os registrem.

Criar novas ferramentas
É tarefa a se fazer
Que ajudem a construir
O bebê como um saber
Figura de análise viva
Que possamos compreender.

Pra então favorecer
Sua forma de expressão
Ampliando os caminhos
Da pesquisa e reflexão

E abrindo novas portas
Pra melhor compreensão.

E assim vamos tecendo
Sem jamais esquecer
Que o nascimento de um bebê
É um mundo a acontecer
Cheio de possibilidades
Que ainda vamos ver.

No colo troca sentidos
No olhar cria ligação
Com balbucios e gestos
Constrói comunicação
Mesmo sem falar palavras
Já expressa intenção.

Quando ri, quando se irrita
Quando busca atenção
Está ali se colocando
Dentro de uma relação
E produzindo sentidos
Na sua interação.

Qvortrup nos lembra então
Algo forte a entender
Que a infância é categoria
Do modo de viver
E não fase passageira
Sem valor no acontecer.

Em mil novecentos e noventa
Uma obra veio marcar
Qvortrup traz suas teses
Pra infância repensar
Fenômeno social
Que devemos estudar.

Nas relações de geração
Ele vem nos ensinar
Que a infância ocupa espaço
Que a sociedade vai dar
E esses lugares moldam
O jeito de socializar.

A primeira tese afirma
Pra gente compreender
Que a infância é estrutura

Do modo de se viver
Presente em toda sociedade
Que possamos conhecer.

Não depende só do indivíduo
Nem só do desenvolver
Rompe com visões antigas
De apenas crescer
E mostra que a infância
Também é forma de ser.

Na segunda tese ele diz
Com firmeza e precisão
Infância não é só fase
De breve transição
É categoria constante
Na vida da população.

Mesmo mudando os sujeitos
Que nela vão existir
A infância permanece
Sem nunca se extinguir
Como grupo social
Que insiste em persistir.

Na terceira tese então
Ele passa a defender
Que a infância varia
Conforme o viver
Histórica e cultural
Como podemos ver.

Não existe um só modelo
Nem forma universal
Cada tempo e sociedade
Constrói seu ideal
São muitas infâncias vividas
Num cenário social.

A quarta tese provoca
E nos faz refletir
Onde está a infância
No mundo em que se há de existir?
Ela está na sociedade
E na forma de se dividir.

Na divisão do trabalho
Também vai se encontrar

E a escola aparece
Como espaço de atuar
Onde a criança participa
Do processo de formar.

Na quinta tese aparece
Um conceito essencial
A criança como sujeito
Com papel social
Agente que constrói cultura
De maneira ativa e real.

Não apenas reproduzindo
O que o adulto lhe diz
Mas criando novos sentidos
Do jeito que ela quis
Transformando a sociedade
Desde a base, desde a raiz.

Na sexta tese se afirma
Algo importante notar
Que as forças da sociedade
Também vão afetar
As crianças desde cedo
Mesmo sem elas notar.

Ainda que de modo indireto
Ou por mediação
Elas sentem os impactos
De toda transformação
Que acontece no mundo
E em cada geração.

A sétima tese traz
Uma tensão a pensar
Entre proteger a infância
E também deixar participar
Entre cuidar e permitir
Que possam se expressar.

Há dependência construída
E certa invisibilidade
Nas leituras da história
E da própria sociedade
Mas também há garantias
De cuidado e dignidade.

Na oitava tese então
Ele vem questionar
A ideia de família
Que tenta sempre guardar

Como única responsável
Pelo bem-estar.
Essa visão pode ser
Barreira sem perceber
Pois afasta o debate
Do campo do viver
E impede que a infância
Se torne questão de poder.
A criança precisa ser vista
Também como questão social
E não só dentro da casa
Num cuidado individual
Mas como sujeito público
Num cenário mais geral.
E por fim a nona tese
Vem nos apresentar
A infância como minoria
No modo de se situar
Definida em relação
A quem vem a dominar.
Entre controle e cuidado
Ela vive a tensão
Entre ser protegida
Ou sofrer limitação
Entre classe e geração
Se constrói essa condição.

As crianças são sujeitos
Do presente social
E os bebês também estão
Nesse campo relacional
Mesmo sendo bem pequenos
Têm impacto real.
Corsaro explica ainda
Com pesquisa e atenção
Que as crianças criam cultura
Na sua interação
Reproduzindo e transformando
Tudo em participação.

O bebê observa o outro
E começa a imitar
Mas não copia somente
Ele passa a reinventar
Criando novas formas
De agir e de se expressar.
Assim vemos claramente
Que não é página vazia

O bebê chega ao mundo
Com potência e energia
Entre cultura e cuidado
Vai tecendo sua via.
Régine Sirota nos mostra
Com firme reflexão
Que a infância é construída
Na cultura da nação
Cada tempo e sociedade
Dá sua definição.

Ela também reforça bem
Algo bom de compreender
Que a infância não desaparece
No tempo do acontecer
É idade estruturante
Que precisamos ver.

Como a juventude e velhice
Tem lugar na formação
É parte da vida humana
Dentro da organização
Forma estrutural presente
Em toda sociedade então.

E assim segue tecendo
Com cuidado e precisão
Que as crianças são produto
E também produção
Dos processos sociais
Em constante construção.

A criança é sempre ativa
No seu modo de viver
No processo de socialização
Ela aprende e faz saber
Transformando o meio em volta
Enquanto cresce e faz ser.

Não existe um só modelo
De infância universal
Cada contexto constrói
Um jeito próprio e real
E o bebê vive isso
De forma relacional.

Lourdes Gaitán reforça
Que é preciso reconhecer

Que as crianças têm direitos
Desde o início do viver
Não apenas proteção
Mas também poder ser.

Direito à escuta atenta
Ao cuidado e ao brincar
Ao vínculo e à presença
De alguém para acompanhar
E ao respeito profundo
De seu modo de estar.

Não se trata de um favor
Nem de gesto ocasional
Mas de um compromisso ético
E também institucional
De garantir aos bebês
Um lugar social.

Karl Mannheim já dizia
Ao pensar geração
Que os sujeitos compartilham
Uma mesma condição
E que o tempo influencia
Cada forma de visão.

Assim os bebês de hoje
Vivem um tempo específico
Marcado por tecnologias
E por um mundo mais dinâmico
Mas também por desigualdades
Num cenário complexo e crítico.

Fúlvia Rosemberg alerta
Para um ponto essencial
As desigualdades sociais
No contexto nacional
Que atingem desde cedo
Cada bebê, afinal.

Nem todos têm o mesmo acesso
A cuidado e proteção
Há bebês invisibilizados
Sem direito à atenção
E isso exige mudança
E forte mobilização.

Anete Abramowicz destaca

Algo importante a dizer
Que existem muitas infâncias
Que precisamos conhecer
Cada cultura constrói
Um modo de viver.

Há bebês em diferentes
Realidades sociais
Com experiências diversas
E trajetórias desiguais
E isso precisa entrar
Nos debates educacionais.

Gabriela Tebet ressalta
O bebê na educação
Como sujeito potente
Dentro da instituição
Com direito à escuta
E também participação.

Na creche ou no cotidiano
É preciso garantir
Que o bebê seja ouvido
Mesmo sem saber falar
Pois seu corpo comunica
O que tenta expressar.

O choro, o gesto, o olhar
O silêncio e o mover
São formas legítimas
De o bebê se fazer ver
E cabe ao adulto atento
Aprender a perceber.

Escutar não é tarefa
Simples de realizar
Exige sensibilidade
E disposição de olhar
Para além das palavras
Que o bebê não pode usar.

É preciso tempo e presença
Vínculo e observação
É na relação contínua
Que se constrói compreensão
E se reconhece o bebê
Como sujeito da ação.

Dar voz aos bebês pequenos
Não é só interpretação
É também abrir espaços
Para sua participação
Mesmo em decisões simples
Dentro da instituição.

Desde a troca de fraldas
Até a hora de brincar
Tudo pode ser vivido
Como forma de escutar
Respeitando o ritmo
Do bebê se expressar.

Assim ouvir os bebês
É tarefa essencial
Para ciência e educação
Num caminho mais social
Pois no início da vida
Há um mundo colossal.
Escutar muda práticas
Transforma o nosso olhar
Rompe ideias antigas
De só cuidar e moldar
E reconhece no bebê
Alguém que pode participar.

O bebê não é promessa
De um futuro que virá
Ele é presença ativa
Que já pode interagir
Construindo sua história
No tempo em que está aqui.

Garantir seus direitos
É dever da sociedade
Com políticas públicas
E mais equidade
Para que toda criança
Viva com dignidade.

Assim seguimos atentos
Com cuidado e atenção
Reconhecendo os bebês
Como sujeitos da ação
Entre cultura e afeto
Tecendo sua formação.

Assim termina o cordel
Com saber e poesia
O bebê cresce no corpo
Na mente e na companhia
Entre ciência e escuta sensível
Floresce a bebelogia.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Educação infantil: políticas, práticas e identidades. São Paulo: Cortez, 2011.

ABRAMOWICZ, Anete. Introdução ao Estudo de Bebês a partir de perspectivas sociológicas. In: TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. (org.) Estudos de bebês e diálogos com a sociologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 631p.

CORSARO, William A. Sociologia da infância. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FOCHI, Paulo Sergio. O brincar heurístico e a investigação do bebê na creche. Porto Alegre: Penso, 2015.

GAITÁN, Lourdes. Sociología de la infancia. Madrid: Síntesis, 2006.

MACHADO, Igor José de Renó. Antropologia e diversidade cultural. São Paulo: Contexto, 2014.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza (org.). Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria social. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (org.). Estudos da infância. Petrópolis: Vozes, 2011.

REGO, Teresa Cristina. (org.). Cultura e sociologia da infância: estudos contemporâneos. Curitiba: Editora CRV, 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil no Brasil: desigualdades e desafios. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.

SIROTA, Régine. A sociologia da infância: um campo em construção. Educação & Sociedade, Campinas, v. 22, n. 74, 2001.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. Bebês e educação infantil: perspectivas contemporâneas. Campinas: Autores Associados, 2017.